



RESENHA

NUNES, Benedito. *A chave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Maria Stella Faciola Pessoa Guimarães – Mestranda do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA. E-mail: stellapessoa@uol.com.br

Leyla Perrone-Moisés é professora emérita da Universidade de São Paulo (USP) onde coordena o Núcleo de Pesquisa Brasil – França do Instituto de Estudos Avançados. Sua trajetória intelectual é fascinante: presença no Brasil e no exterior, pois deu aulas na Universidade de Montreal, na *Sorbonne* e na *École Pratique des Hautes Études*.

A reflexão de Montesquieu sobre *Le goût* incluída na *Encyclopédie* ficou inacabada, mas considerou entre os prazeres da alma o de associar ideias. Não sou exceção quando associo o nome de Leyla à recepção de Roland Barthes no Brasil – sobretudo pela *Lição de Casa* anexada ao final da tradução que ela fez de *Leçon*, aula inaugural do ensaísta francês no *Collège de France* em 1977. Ora, falar em prazer do texto é versar sobre o pensamento de Barthes, é usar as palavras de Leyla. Citar Barthes é lembrar Leyla e aquele posfácio reluzente.

Da mesma forma, não sou exceção ao relacionar Leyla à fruição do texto prazeroso de Benedito Nunes: ela assina o prefácio de *A chave do poético*, novo livro do professor paraense. Falar de Leyla é então falar de Benedito. E menciono mais um ponto em comum: ambos foram jubilados por suas respectivas instituições universitárias, pois o filósofo e crítico literário é professor emérito da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Para Leyla – recordando visita a Belém e passeio que fez acompanhada de Benedito no parque do Museu Goeldi–, o filósofo é “um tesouro nacional, guardado na Amazônia há décadas”. No entanto, ela explica que é “guardado”, mas não é “escondido”, porque “já foi descoberto há muito tempo, por todos que buscam o saber”. Ao prologar *A chave do poético*, a professora chama à baila o respeito que Benedito merece de intelectuais de outros países. Exemplifica assinalando que

Gilles Lapouge também visitou o autor paraense. Então, com fino humor, assim o francês movimentou o cinzel na feitura de seu livro *Équinoxiales*: nos intervalos da leitura de *Ser e Tempo* de Heidegger, Benedito plantara uma babosa no jardim de sua casa em Belém. Essa árvore foi crescendo, projetou brotos e criou uma floresta. Tomou conta da casa, até que a casa ficou dentro da árvore. Segundo Lapouge, mesmo assim o filósofo “não se aflige” e “está tranquilo”, pois continua lendo Heidegger em *Ser e Tempo*...

A clave do poético é uma coleção de ensaios, todos herdeiros da acepção de Montaigne: de natureza exploratória, que abrangem questionamentos, tateios, exames, buscas de verdades. Além dos vinte e sete ensaios enfeixados na obra que comemora os oitenta anos do autor paraense, faz parte dessa coleção a entrevista que Benedito concedeu a Clarice Lispector. O volume está estruturado em dois grandes grupos: no primeiro (Parte I), o escritor pensa a literatura, fazendo uso da crítica, da teoria e da história literária; no segundo (Parte II), desenvolve diretamente a crítica de autores. Esses ensaios pinçados em diversas fontes (como livros do autor, prefácios de livros de outros escritores, coletâneas, jornais e revistas) foram criados em diferentes momentos, sendo *Carlos Drummond: a morte absoluta*, de 1971, o mais antigo, e *O jogo da poesia* – escrito em 2008 sobre o poeta mineiro Affonso Ávila –, o mais recente. Logo, representam exemplos que cingem quatro décadas da múltipla produção intelectual do professor paraense.

Deus não joga dados, dizia Einstein. O poeta, sim, ele os joga; mas os seus dados são a matéria e a forma de linguagem. Ambas lhe abrem o caminho a uma preliminar experiência das coisas. Pela matéria sonora e gráfica, pela forma enunciativa ou expressional, antes de tudo pelo ritmo da frase – pausas, acentos, colisões, elisões –, a poesia lhe dá acesso ao mundo, porque torna manifesto, podemos dizê-lo numa paródia a Heidegger, o que há e o que pode haver, o possível no real e o real no possível (p. 310).

A obra literária não está separada da realidade. É sua imitação, como explica o filólogo alemão Erich Auerbach no clássico *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. Uma obra tem correlação significativa com a realidade em que é constituída e para a qual volta, então como produto cultural.

No primeiro texto – *Meu caminho na crítica* – exibido em *A clave do poético*, Benedito recordou um encontro seu com Clarice Lispector quando a escritora lhe afirmara:

“Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é”. No momento, perturbou-me essa afirmação. Hoje posso ver como foi certo, além de encomiástico, o aturdido juízo de Clarice. Ela percebia, lendo o que sobre ela escrevi, que o meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, à interpretação da cultura e à explicação da Natureza. Um interesse tão reflexivo quanto abrangente é, portanto, mais filosófico do que apenas literário.

Ora, desde Kant a filosofia também foi chamada de crítica. Não sei por qual das críticas comecei, se foi pela literária ou pela filosófica, tão intimamente se uniram, em minha atividade, desde novinho, e alternativamente, literatura e filosofia.

No “algo diferente” a que Clarice se referia para qualificar-me, estava implícita semelhante união. Não sou um duplo, crítico literário por um lado e filósofo por outro. Constituo um tipo híbrido, mestiço das duas espécies. Literatura e filosofia são hoje, para mim, aquela união convertida em tema reflexivo único, ambas domínios em conflito, embora inseparáveis, intercomunicantes (p. 23-24).

Impelido no passado por Clarice Lispector, o próprio Benedito reconhece que a interpretação da cultura é elemento componente de seus livros – a coleção não deixa de combinar história, filosofia, crítica da literatura e das artes em geral, que é, também, em certa medida, crítica das culturas e exame da sociedade. O professor é o hermeneuta que nasceu e mora na Amazônia, reflete sobre as suas culturas, no cotidiano de Belém e nas viagens que empreende a outros pontos do Brasil e ao exterior. Não limita os pensamentos e escritos aos contornos físicos do território, porque sabe certamente dos vínculos e da complexidade das várias dimensões do espaço sociocultural amazônico, onde fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas e questões. Com sabedoria, conhecimento e versatilidade, articula o regional com o universal, como lhe permite sua esmerada formação e abrangente visão de mundo.

Além dessa espécie de depoimento em *Meu caminho na crítica*, o livro *A clave do poético* mostra, como itens para pensar a literatura sob o aspecto da crítica literária, o panorama de ontem e de hoje. Nessa linha, não faltam relatos em torno do *Suplemento Literário* do jornal paraense *Folha do Norte* e da fundação da *Academia dos Novos*, em Belém. Ainda na Parte I de *A clave do poético*, há texto instigante que examina a polêmica: *Ocaso da literatura ou falência da crítica?* Quanto à teoria literária, Benedito discute, por exemplo, *O trabalho da interpretação e a figura do intérprete na literatura* – ensaio publicado originalmente em 1984. Aí seu ponto de partida é uma reflexão de Alfredo Bosi, hoje inserida no livro *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*.

O que separa o intérprete do leitor é a tênue película da consciência crítica e histórica, que une, por sua vez, o intérprete ao chamado crítico literário. Como a do intérprete, enquanto hermeneuta, a atividade do crítico legitima-se, nas condições atuais da cultura, quando traduz para o discurso conceptual e reflexivo o discurso dos textos literários, a fala que eles encerram, reveladora de nós mesmos e do mundo (p. 130).

Na Parte II do livro de Benedito, com o foco na crítica de autores, há seis temáticas em questão: *Clarice Lispector*, *Carlos Drummond de Andrade*, *Clássicos brasileiros*, *Brasileiros contemporâneos*, *Conterrâneos* e *Estrangeiros*. Dalcídio Jurandir, Max Martins e Mário Faustino foram analisados com esmero entre os conterrâneos. Na sequência desses três escritores relacionados ao Pará, transcrevo pela ordem alguns trechos emblemáticos nos ensaios de *A clave do poético*:

Quem lê *Belém do Grão-Pará*, [...] lê a inteira cidade dos anos 1920, tal como a tinham deixado, após o início da decadência econômica, consequente à crise da borracha, que culminara em 1912, as reformas do intendente (prefeito) Antônio Lemos. O drama daquela família, [...] drama todo exterior, de perda de *status*, levando-a, após o leuismo, a uma mudança de casa e de rua, está relacionado com aquela decadência (p. 322).

Quarenta anos de lida com a poesia separam o primeiro livro de Max Martins, *O estranho* (1952), desta edição, em 1992, dos seus poemas reunidos. Porém a contagem da idade do autor como poeta pode, a rigor, ser recuada por mais oito anos, até por volta de 1942, quando o conheci. Ele era então um modesto e generoso editor adolescente: incumbia-se de fabricar os nossos primeiros livros, datilografando os seus e os meus poemas, em fita vermelha, na máquina do Banco do Pará, onde trabalhava (p. 330).

Deu-se que nós dois éramos, ao iniciar a década de 1950, funcionários de diferente escalão, eu chefe de setor e ele redator, hierarquicamente a mim subordinado, na então Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), hoje Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), instalada e dirigida pelo historiador Arthur César Ferreira Reis, meu ex-professor de história, que nos falava de astecas, aimarás e chibchas, no curso secundário do Colégio Moderno (p. 356).

No seu conjunto final de ensaios, então sob o título de *Estrangeiros*, a coleção *A clave do poético* engloba considerações profundas sobre a poesia de T. S. Eliot que Benedito denomina de confluyente.

Eliot pensou a respeito da poesia: sobre sua natureza, suas funções, seu nexa com a sociedade e a história. Pensou sobre a crítica, como poeta crítico e crítico poeta que foi, atento à feitura e à difusão da experiência humana verbalizada. Pensou que na poesia a emoção se cristaliza na palavra e que na palavra se cristalizam

os sentimentos. Válvula de escape da emoção, é também a poesia um desvio da personalidade, em vez de ser a expressão dela. Os poetas estão à busca de outra linguagem. E nessa busca, segundo Eliot nos diz expressamente, formam uma comunidade inconsciente. A tarefa direta que lhes incumbe é com a sua língua; contribuem para preservá-la, distendê-la e aperfeiçoá-la. Mas Eliot também pensa na e com a poesia, ou seja, é poeta que mobiliza o pensamento na direção do mito, da religião e da filosofia, fazendo-os confrontar-se. A linguagem poética torna-se, então, uma força de convergência (p. 377).

Na ficção de Machado de Assis, quando o personagem Brás Cubas, em suas memórias póstumas, procura palavras para recuar no tempo e voltar ao dia do seu nascimento, reconhece que precisa de um método para realizar essa proeza e prosseguir a criação do livro. Quer “as vantagens do método, sem a rigidez do método”. Não quer uma arte “tesa, engomada e chocha”. Diz mais: “Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor do quartelão”. Ao escrever o prefácio de *Eros, tecelão de mitos* – livro de Joaquim Brasil Fontes –, Benedito Nunes invoca esse recurso do Bruxo e nomeia o ensaio prefacial de *Que isto de método...* – também figura na Parte II da seleção de *A clave do poético*.

Luciano Marchiori é o artífice do índice remissivo do livro que, nas suas últimas dezesseis páginas com colunas duplas, alude a obras e autores com os quais Benedito dialoga, o que evidencia sua erudição. Lá figuram Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Charles Baudelaire, William Shakespeare e Cervantes – para citar alguns exemplos – e não faltam referências a nomes com sinal na Amazônia: Márcio Souza, Milton Hatoum, Inglês de Sousa, Bruno de Menezes, Francisco Paulo Mendes, Ruy Barata, Angelita Silva, João de Jesus Paes Loureiro, Benedito Monteiro, Age de Carvalho, Alonso Rocha e Haroldo Maranhão, entre muitos outros.

Ao olhar especial da Amazônia sobre *A clave do poético* se apresentam mais três detalhes preciosos, com brilho paraense. O primeiro diz respeito ao organizador do volume: Victor Sales Pinheiro, jovem e dedicado estudioso do pensamento de Benedito, nasceu em Belém e hoje é doutorando da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em Filosofia Hermenêutica. Victor também faz a apresentação do livro e naquele prenúncio já garante aos leitores que as folhas da edição exibem um “panorama diversificado da literatura moderna e contemporânea, pensada também nos seus aspectos históricos e filosóficos” e, na seção *Conterrâneos*, estampam “ensaios que registram a atenção de Benedito Nunes aos literatos que nasceram ou viveram na sua região”. A segunda particularidade

que não passa despercebida e mexe com a estesia de cada leitor é a fotografia que ilustra a orelha do tomo: a arte consagrada do paraense Luiz Braga salta à vista. O terceiro detalhe é o trabalho sempre primoroso do capista João Baptista da Costa Aguiar – ele havia feito antes a capa do livro de poesias *E todas as orquestras acenderam a lua*, de Lília Silvestre Chaves, editado no Pará com prefácio de Benedito Nunes.

A chegada de *A clave do poético* provocou efervescências nos meios acadêmicos. Houve lançamento e palestras em Belém, mas também em eventos na Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ocasiões em que Benedito foi recepcionado e saudado por estudantes, professores, jornalistas, intelectuais etc. Surgiram análises abalizadas, entre as quais *O prazer da crítica sóbria e elegante*, artigo chancelado pelo poeta e tradutor João Moura Júnior em *O Estado de S. Paulo* de 13/12/2009 – “em alguns ensaios do novo livro, o crítico se permite apartes memorialísticos, como naquele sobre o recém-falecido poeta Max Martins, seu conterrâneo e contemporâneo” – e o ensaio da professora da USP Yudith Rosenbaum na *Revista de Estudos Avançados*, nº 68 (jan.–abr./2010): “é um pensador atento, entre outros aspectos, às inserções de obras e autores nacionais e estrangeiros aos grandes contextos histórico-culturais a que devem sua emergência”.

Filosofia, literatura, história e cultura se entrelaçam no acervo de Benedito Nunes. *A clave do poético* é também Arte? Possui a dimensão da Beleza? Para o crítico inglês Walter Pater, “toda a arte aspira à condição de música”. E o que é uma clave? O que expressam os dicionários? Na música, a clave não é um sinal de princípio de pauta que determina o nome das notas e a elevação delas na escala dos sons? Clave é também uma chave do poético que une tantos saberes? Em sua *Lição de Casa*, Leyla Perrone-Moisés entendeu que “o título de uma obra é, naturalmente, um signifiante privilegiado”. Repito: o que está na pauta é *A clave do poético*... E, se Leyla tem razão, seu autor é como aquela árvore que cresceu no jardim da *Travessa da Estrella* em Belém, “lançando suas raízes e rebentos em direção a todas as longitudes e latitudes, para assimilar os textos filosóficos e literários que o têm nutrido e que nos nutrem, quando nos sentamos a sua sombra”.